

## ***Amanhecer na Lisnave Rocha...***

### *Reviver o Estaleiro...*

Ainda o toque da sereia estava longe de lembrar todos quantos teriam de contribuir com a sua jornada de trabalho diária, já o passo cadenciado e pesaroso, resultado da noitada que havíamos levado dentro do tanque de fuel 3 central, percorria a habitual e matinal via sacra no Estaleiro da Lisnave Rocha.

Ao portão, como que fazendo parte física e histórica do Estaleiro, o amigo e bonacheirão "*Xico Piston*", não se cansava de recordar com alguma visível saudade, os bons e maus bocados passados a bordo do Amélia de Mello, da antiga Sociedade Geral.

Perto dali, um pequeno grupo de caras conhecidas, entre as quais se encontrava o Eduardo das "*Caldeiras*", fumava o último cigarro, alimentando uma discussão sobre o acidente havido dias atrás a bordo de um navio na Setenave.

Falta de segurança...dizia um dos mais novos. Enfim, mais um desastre dizia outro.

À medida que nos íamos afastando e suas vozes se tornavam inaudíveis, pensámos que conversa não ficaria por ali.

Passamos defronte à ENI, o enorme e velho casarão sobre o comprido e paralelo ao caminho de ferro.

Ali, o amigo Saraiva, com um olhar de profunda tristeza e apreensão, examina a carcaça de um motor de corrente contínua.

Tão grave era a sua expressão, que não mudaria com a nossa chegada. Este levanta o olhar na nossa direcção e saúda-nos.

*A sua cabeça abana em sinal de desaprovação. Que "cavalice" teria ocorrido na operação do molinete, para que o motor ficasse no estado que ficou?...*

*Nem o próprio Saraiva queria acreditar no que lhe haviam contado. Mas o motor estava ali queimado e bem queimado para quem duvidasse.*

*Trocámos algumas impressões. Inquirimos acerca do tempo que seria necessário para rebobinar a máquina, e lá retomámos o nosso caminho direito à Oficina de Mecânica.*

*Começa a chover. Comentámos que a decapagem, bem como a pintura do casco do navio estaria comprometida.*

*Mais um atraso, mais uma justificação a dar para o não cumprimento do calendário, já de si a ultrapassar a razoabilidade.*

*Que fazer?*

*"Nem S. Pedro faz milagres, nem tão pouco há memória de que um navio tenha ficado no estaleiro".*

*Com esta "fezada", lá rumámos em frente.*

*Sem darmos por isso chegamos à Oficina de Mecânica. Aqui a recepção não é das melhores. Somos saudados a jacto de agulheta de alta pressão, pelo operário que ao lavar um refrigerador de ar, "inadvertidamente" (!?) quase nos deu uma "banhada".*

*Lá ao fundo faz-se ouvir a voz do senhor José de Sousa, em amena cavaqueira com o perito da Classificadora de Navios. O amigo "Zé" tenta convencer o Perito que o poço na ponta do veio motor do molinete nunca mais vai partir.*

*Ao que parece o amigo Arnaldo Lopes não está pelos ajustes, e amigavelmente, vai dissuadindo o amigo Zé, a abandonar a ideia.*

*A chiadeira oriunda do torno vertical, começa a tornar-se insuportável. A ferramenta tinha começado a atacar a soldadura de uma coroa de êmbolo de um Sulzer. Pareceu-nos que a velocidade de corte não estava ajustada ao diâmetro da peça.*

*Repentinamente, o amigo Zé abandona os presentes e com alguma aspereza dá indicações ao torneiro.*

*"Está tudo bem", diz o amigo Zé. "Sabem, é que o rapaz ainda está verde".*

*Cumprimentamos o Perito. Com este, passamos em revista todo o equipamento para inspeccionar; anotamos as suas exigências, e recomendações.*

*Dão-se algumas instruções e colhem-se algumas sugestões.*

*O grupo aumenta. Uma voz grossa faz-se ouvir. E, com ela, a desenhada figura do José Alves. Pronto, o nosso descanso aparente havia terminado.*

*Milhentas dificuldades nos trás este amigo. Dúzias de complicações, dezenas de novos pedidos e algumas querelas por resolver com o pessoal das limpezas.*

*Mas nem tudo é mau. A boa notícia de que o 2 BB de fuel, não comunica com o 1 de BB de água doce, contenta-nos e retira-nos uma grande carga de preocupações.*

*Agora o grupo é maior e ruma em direcção Mecânica de Bordo.*

*Sempre as mesmas caras, o Eng<sup>o</sup> Churro, Conde, Aristides; o encarregado Jorge e outros mais.*

*Uma família. Desenhos. Mais desenhos. E aquele "maldito veio propulsor e a sua manhosa manga britânica de metal branco fundida numa só peça", a dar água pelas barbas novamente.*

*" É tudo uma questão de dinheiro!" Diz uma voz vinda do corredor, na direcção das docas. Quem havia de ser? Claro só podia ser o Joel!*

*Se até agora o grupo já estava desestabilizado, com a chegada do Joel e do seu inseparável amigo Espinha, acabaria por sê-lo ainda mais.*

*Mas isto não fica por aqui. O amigo Espinha ainda não tinha iniciado o seu discurso, nem tão pouco conhecíamos as dificuldades que o Zé Alves lhe havia criado dentro do pique de proa.*

*O relato não se fez esperar, mas nem por isso o grupo deixou de se dirigir a caminho das docas.*

*Olhámos o exterior através das velhas vidraças. Já não chove. O guindaste grande move-se no seu característico e inconfundível "caminhar". Na ponta da do cabo da lança, presa pelo gato, a porta do leme do nosso navio baloiça ligeiramente.*

*A decapagem continua parada. As condições atmosféricas não permitem que o trabalho continue.*

*Não muito distante, a meia nau, o Inspector das tintas gesticula em ar de desaprovação, perante a impassividade do encarregado das pinturas. Algo não corre bem. Não tarda sabermos o que por ali se passa.*

*A porta do leme passa agora por cima das nossas cabeças. Afastamo-nos. Só o Perito da Classificadora se detém. O seu olhar penetrante e experiente acompanha o movimento da porta.*

*De repente move-se e acelera o passo, e em sincronia com o guindaste, segue o seu movimento. Pára. Faz-nos sinal de chamamento.*

*Não sabemos o que se passa. Olhamo-nos interrogativamente e desabafamos; "humm... buraco pela certa"...*

*De facto não nos havíamos enganado. Uma deformação ocasionada provavelmente já durante o transporte deitava por terra o trabalho de alguns dias.*

*O Engenheiro Manuel Rodrigues dá uma corrida. Abre a portinhola do telefone e fala.*

*O Guindaste pára. Arranca novamente, mas desta vez inverte a marcha, voltando ao ponto de partida...*

*Entretanto, chega o momento de baixar à doca 1. O casco enorme dentro daquelas paredes faz-nos lembrar a nossa pequenez.*

*Já no fundo da doca, faz-se ouvir o som do martelo do Perito, ao atacar os estais das amarras. Com o compasso, o encarregado da caldeiraria mede os elos e procede a notações. O desgaste é aceitável diz o senhor Arnaldo Lopes.*

*Caminha-se à volta do fundo chato. Aqui e acolá pequenas deformações sem importância de maior.*

*De um modo geral, o tratamento efectuado ao casco na última docagem havia resultado em pleno. Recordo-me que o Superintendente João Marmelo me havia recomendado, para ter em atenção este pormenor, e fazer uma avaliação cuidada, já que tinha sido ele a especificar o tratamento na docagem anterior.*

*Sabia que iria ficar contente. E ficou, porque quando soube do resultado da inspecção, me comunicou que amanhã seguinte, iria entrar em doca outro navio "nosso", que estava aguardar vaga para efectuar fabricos.*

*Uma vez na muralha, preparámo-nos para dar um salto a bordo. Cabos, mangueiras num emaranhado de vai e vem de fluidos, ligam o navio ao estaleiro – boa fonte de receita - para o estaleiro, é claro.*

*Dirigimo-nos para o convés. Ali, o Engr<sup>o</sup> Dourado e o Superintendente João Marmelo discutem. Discutir é maneira de falar. Discutem os custos da reparação. Com a nossa relativa proximidade calam-se. Mas a festa vai durar e mudar-se para outro lugar.*

*Saudámo-nos e dirigimo-nos ao escritório do convés, pois espera-nos aí um café bem quente. Mas este café é especial. Especial, porque havia sido propositadamente feito uma panela dele.*

*Alguém se lembrara de passar pela padaria e tinha trazido uns papos secos ainda a fumegar. O despenseiro Américo – que nos estragava com mimos – tinha sido o autor da lembrança. Um pouco de manteiga. E pronto. Merecido pequeno almoço.*

*Cavaqueamos, aferimos o nosso planeamento. Fazemos contas à nossa manhã de trabalho e preparamo-nos para baixar à casa da máquina.*

*O Imediato Vladimiro estava bravo com o Manuel Rodrigues. Falavam em voz acelerada, mas daí a pouco tudo estava calmo.*

*Na casa da máquina, dois cilindros, uma cruzeta, umas quantas bombas e a caldeira auxiliar, para ver e inspeccionar.*

*No convés o teste ao aparelho de carga estava a ter lugar. Como sempre, o Engr<sup>o</sup> Graça Gonçalves, a "pau", de olho pregado simultaneamente na breca e no dinamómetro.*

*Não há escorregamento. Está bom. Acabaram-se os testes e com estes o trabalho da manhã.*

*O Engr<sup>o</sup> João Marmelo e Engr<sup>o</sup> Faustino Dourado continuam a discussão por nós interrompida, e sobem ao primeiro andar dos escritórios do estaleiro. Aquilo vai durar.*

*O resto da comitiva dirige-se para o gabinete dos Eng.ros Manuel Rodrigues e Dourado. Ali, a outra comitiva superiormente liderada pelo "Mestre dos Mestres", Mestre Acima de Todos, Porto de Freitas, aguarda-nos, congregando à sua volta um punhado de outros amigos; José da Silva da Angonave, James Mulvaney da BBC, Banho dos Santos da Rinave, Guerra da Mata da Loyd's e outros...*

*Era assim passado o dia a dia dentro daqueles portões da Lisnave Rocha.*

*Agora pouco dela vai restando. A obra esfumou-se, tornando-se impotente para resistir à inclemente potência do martelo pneumático destruidor.*

*Dela irá ficar apenas a memória da sua existência, e o recordar com saudade pela visualização das fotos então tiradas, e que não foram poucas.*

*O tim...tim... do Guindaste Grande, jamais deixará de se ouvir ...*

*Ele martelará carinhosamente dentro de nós para sempre.*